



Zero

AGOSTO
1985

Rua Santos Saraiva



O Esquadrão sai da clandestinidade

E MAIS:

1 A Guerra das Estrelas: Alfredo Alberto X Roberto Alves

2 Onde foi parar o dinheiro da Festa da Tainha?

3 E uma notícia indigesta: Sua comida está contaminada

O cinema catarinense volta à tela

A ponte Hercílio Luz numa madrugada nublada, a película em preto e branco. Um grupo de populares se amontoa na murada para olhar um carro que caiu no mar. A primeira luz da manhã contrasta com a lâmpada do carro de pipoca estrategicamente colocado num canto da tela. "Uma cena de gênio", aponta Silvío Back, o mais importante cineasta catarinense da atualidade. O público não tem tanto discernimento, só a consciência de estar vivendo um momento importante. O público nem era nascido no dia em que Florianópolis parou para assistir a pré-estréia de "O Preço da Ilusão", o único longa-metragem catarinense, vinte e sete anos atrás.

Há vinte e sete anos, o jovem era aquele senhor grisalho que sentou atrás de Silvío Back. Há vinte e sete anos, Salim Miguel, roteirista do filme, tinha consciência de estar ins-

crevendo Santa Catarina na história do Cinema Novo, na história do cinema brasileiro. Na semana passada, no Centro de Convivência da UFSC, Salim Miguel não teve muito a dizer. Só lamentou que a exibição da obra se limitasse a aquele trecho de quinze minutos, um pedaço de uma das três cópias do filme perdidas em todos estes anos de esquecimento.

Como "O Preço da Ilusão", a maior parte das centenas de filmes produzidos em Santa Catarina desde 1914 está perdida ou destruída. Alguns fragmentos dessas obras foram recuperados num esforço de cinco estudantes da terceira fase do Curso de Jornalismo. Andrea Grossenbacher, José Henrique Nunes Pires, Norberto Depizzolatti, Maria Eremita Nesí e Sandra Mara Araújo, na apresentação do trabalho, agradeceram o pouco apoio recebido e também "àqueles que tentaram atravancar o nosso caminho". E advertiram a am-

bos: "A conclusão deste trabalho visa a implantação de uma cinemateca estadual".

MEMÓRIA CULTURAL

O único ponto de referência que esses alunos tiveram para iniciar seu trabalho foram outras tentativas de recuperação da memória de nosso cinema realizadas no próprio curso de jornalismo. Em 1982, a estudante Eliana Arndt deu o primeiro passo, com as primeiras pesquisas sobre a história do nosso cinema. No ano passado, Adriana Freitas, outra formanda do curso, reuniu e sistematizou a obra do cineasta Rogério Sganzerla. A formanda Ani Borgen desenvolve atualmente o projeto técnico de uma cinemateca.

Mas o esforço pela recuperação da memória cultural de Santa Catarina não tem se restringido ao cinema. A história do nosso rádio começou a ser contada em 1982 pela formanda Lúcia Helena Vieira, e culminou com

a implantação do Museu do Rádio de Santa Catarina, organizado no ano passado pela estudante Cirley Virginia Ribeiro e atualmente desativado porque a Universidade não lhe destina recursos. A história da televisão, do carnaval e a memória fotográfica de Santa Catarina também começam a ser conhecidas por iniciativa de estudantes do Curso de Jornalismo.

O saldo é bom, apesar das frustrações. Em três anos, um punhado de estudantes sem verbas e sem apoio produziu mais sobre a cultura catarinense do que todos os órgãos governamentais do setor, que dispõem de verbas e pessoal justamente para fazer isso. "Para produzir alguma coisa é preciso antes ter uma idéia, um projeto. Depois a gente busca os recursos", ensinou o cineasta Silvío Back, trazido de Curitiba por iniciativa dos alunos. Essa lição o público já conhecia.

Por que você não olha pra nós?



A cena dessa foto não pôde ser acompanhada pelo Reitor. As janelas de seu gabinete estão voltadas para o outro lado do cam-

pus. Apesar disso, nos últimos três anos, o Curso de jornalismo da UFSC tem sido apontado como um dos melhores do país^(*). É também o curso mais

prejudicado da Universidade em termos de laboratórios, equipamentos, pessoal e espaço físico. Mas o prédio da Reitoria tem

também uma porta voltada para nós. E um dia alguém descobre essa saída.

(*) Ranking dos Cursos Universitários, Revista Play-Boy

EXPEDIENTE

Agosto de 1985. Distribuição Interna. Este é o Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Um trabalho dos

alunos Ligia Gastaldi, Isabela Hoffmann, Mauro Pandolfi, João dos Passos Martins Neto, Ângelo Lima Medeiros, Almir Casimiro de Oliveira, Manecã Mendes (fotografia), Regina Dalcastagne, Sandro Shigue-

fuzi (desenhos), Daniel Paim, Júlio Cancelier, Evory Pedro Schmidt, Rosana Marcis e Leani Budge. Orientação dos professores Ayrton Kanitz, Eduardo Medisch e Luis Al-

berto Scotto. Diagramação de Jucélia Fernandes. Composto e impresso no jornal O Estado. Correspondência para Caixa Postal, 472 - Departamento de Comunicação - Florianópolis.

"Público não quer essas picuinhas"

"A crônica não está em crise aqui em SC. O jornalismo esportivo, sim, está vivendo um período de marasmo e pouca renovação. Deve-se reciclar as equipes de trabalho para que, através delas, também ouvintes e leitores sejam reciclados. Existem medalhões que se acham insubstituíveis, há pouco espaço para recém-formados ou provisionados, e há ataques pessoais contra colegas. Esses ataques não interessam ao público que não quer picuinhas. Aprovo a estratégia da rivalidade para atrair público, mas não a imoralidade. Não quero comentar o fato em si, mas acho que Alfredo Alberto foi muito inábil. Afinal, ele ganhou IBOPE fazendo ataques? Não é preciso usar recursos baixos e levianos para alcançar altos índices de audiência" (Carlos Neto).

"Crônica só sai mais desacreditada"

"Falar da vida dos outros até pode fazer parte dos afazeres do cronista esportivo. Mas de preferência o que se fala são questões que têm a ver com o meio profissional, ou seja, os atos dos que fazem parte do mundo dos esportes, mas exatamente relacionados à crítica, à privacidade de outro a fim de tirar vantagem numa rixa pessoal que deveria ser resolvida em nível bem mais elevado - para satisfação do público e da própria crônica esportiva que só sai mais desacreditada a cada novo incidente do gênero". (Pedro Schitt).

"Briga interna só ajuda a desunir"

"Não sei se o Alfredo Alberto tem razão em suas críticas ao Roberto Alves, mas achei uma falta de ética contra toda a imprensa ele usar dos meios que ele usou, baixando o nível desta maneira. Estas atitudes do Alfredo me revoltaram, esta briga interna só ajuda a desunir a classe e isto é mau, pois é justamente agora que os jornalistas tentam se unir para alcançar suas reivindicações. Em casa, eu acompanhei os comentários de Alfredo Alberto apenas como um telespectador. (James Tavares)

"Polêmica, sim, mas sem o lado pessoal"

"A polêmica no ar é importante quando mencionado o fato, sem cair na questão pessoal. O Miguel nos disse no estúdio que sairia da RBS por profissionalismo, ele queria trabalhar com rádio esportivo. O que é certo é que o público quer informações e lazer. Claro que a empresa contratou o Miguel para fazer contraposição ao Alfredo, mas não acredito que isso fosse provocado e nem motivo para crise." (Moacir Pereira).



Essa foi demais, Alfredo Alberto!

Uma guerra de empresas? Uma guerra entre cronistas? Uma crise passageira? Talvez tudo isso. Mas o fato é que dezenas de telefonemas foram dirigidos à RBS TV no dia 13 de julho, sábado, depois que o comentarista esportivo Alfredo Alberto surpreendeu os telespectadores com o mais violento ataque pessoal já cometido na TV Catarinense. "Ele não quis atender meu telefonema", contou mais tarde, J. Tavares, fotógrafo do JSC. "Ele estava muito nervoso e até arrependido", conta um funcionário da TV RBS.

A história toda começa, de fato, quando a RBS põe no ar Alfredo Alberto, fazendo o papel de torcedor do Figueirense, e Miguel Livramento — mais comedido — mas no papel de torcedor do Avaí. Fazendo um programa de abraços para os amigos de toda Santa Catarina envolvido com alguns comentários, muitos ataques aos

adversários — alguns engraçados, outros grosseiros — Alfredo Alberto, no dia 13, exagerou. Não carregou suas baterias sobre Livramento, mas sobre Roberto Alves, comandante das jornadas esportivas da principal concorrente, a TV Cultura. Alfredo chamou Roberto de mau caráter, envolveu a família do cronista ("sua mulher e sua filha me autorizaram a vir aqui..."), etc. e tal. Tudo porque, no mesmo dia, em sua coluna no JSC,

Roberto tinha largado uma notícia que envolvia Alfredo Alberto — O comentarista da RBS — segundo ele — havia pedido ao médico do Figueirense, Abel do Rosário, que inventasse uma lesão para o meia cancha Bira Lopes. O resultado seria o banco de reservas. Foi a fagulha que faltava.

Um pouco antes, outro fato juntava mais pólvora ao paiol: Miguel Livramento saía da RBS e entrava na

emissora concorrente. A TV Cultura destaca a conquista apregoando "uma volta por cima" — referência à posição geográfica da emissora, acima da RBS no pico do Morro da Cruz.

Zero não quer acirrar ânimos, mas juntar opiniões. O jornalismo, como a medicina, peca por excesso de zelo — quando trata de si mesma. Os hipócritas chamam a isso de "ética". Falamos com Moacir Pereira (comentarista político e anchor man do Jornal do Almoço), Miguel Livramento, James Tavares (fotógrafo do JSC), Pedro Evori Schmitt (repórter esportivo JSC), Carlos Netto (editor de esportes de O Estado) e com o próprio Alfredo Alberto. Procurado no Morro da Cruz o crucificado Roberto Alves não revideou. Também não ofereceu a outra face e não se sabe se perdoou. Simplesmente não quis falar para o Zero. A pergunta era: há crise na crônica esportiva?

A. Alberto torcendo pelos comunas?

Zero — Como está o jornalismo esportivo de SC?

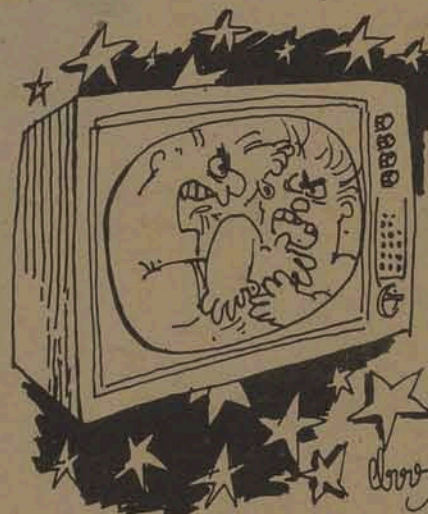
AA — Está crescendo como o nível de nosso futebol. Se bem que às vezes é nivelado por baixo. Afinal, os grandes cronistas do mundo inteiro se agridem... verbalmente, é claro!

Zero — O que você chama de "nivelar por baixo"?

AA — Ah, é algo que acontece comigo, com meus colegas. Perdem a cabeça porque queimam o pavio antes da hora.

Zero — Existe imparcialidade na crônica?

AA — Eu gostaria de lembrar o Jorge Curi, aquele que trabalhava na Rádio Nacional. Quando o Flamengo marcava um gol, ele gritava durante 3 minutos, quando era o Fluminense que marcava um gol ele gritava 3 segundos... Eu sou Figueirense ate embaixo da água, e nos



meus comentários de manhã, no Bom Dia Santa Catarina, eu sou apaixonado e profissional. No Jornal do Almoço eu sou só apaixonado. Agora, tem o seguinte: se o Joinville jogar com a Rússia, eu sou comunista... Mas se o Joinville joga no Nacional, eu sou profissional...

Zero — Como é o seu relacionamento com o Miguel Livramento?

AA — Quando trabalhávamos juntos numa rádio aqui da Capital, já faz mais de dez anos, nós brigamos. Dai pra cá... existe um oceano entre nós. Nas festas, nos corredores, no estúdio, nos jogos, nunca nos olhávamos. Acredito que ele, que já não trabalha mais na RBS, está fazendo o trabalho certo, pois só vive disso.

Zero — O Miguel esaiu só por questões financeiras?

AA — O cidadão só sai da RBS quando a empresa não tem mais interesse em segurá-lo.

Livramento: "há gente sem capacidade"

Miguel Livramento desce no número de seu televisor: do 12 para o 6. Mas sobe no morro: a Cultura fica um pouco mais acima. Subirá no IBOPE? Não se sabe. Diz ele que está faturando o dobro na nova casa. Na Diário da Manhã, AM do grupo RBS, Livramento alcançou o saudável índice de 67% em maio-junho. Tem 14 anos de crônica, cinco de TV. Ele falou com Daniel Paim, de Zero, um pouco antes de ir ao ar. Trabalhando sempre no pique, desculpou-se: "Tenho dois minutos e meio", disse constrangido.

Zero — A crônica esportiva está em crise?

ML — Não, acho que não. Quem é cronista é cronista. Tem pessoas que não tem critério. Não tem capacidade para se

limitar à crônica, fazer comentários de futebol ou qualquer assunto de esporte. Aí, puxam assuntos particulares de companheiros... que isso aí... eu acho que até as próprias empresas são culpadas de deixar um cidadão desses permanecer na crônica.

Zero — Seria para subir no IBOPE?

ML — Acho que seria baixar muito o nível. O cidadão tem que ter capacidade para fazer um comentário esportivo. Se ele não tem capacidade para fazer comentário ele apela. Falando da vida de companheiros, isso aí é prova de que ele não tem capacidade para ser cronista.

Zero — O Jornal do Almoço caiu com sua saída, já que o esquema era Figueirense X Avaí?

ML — Não sei porque não assisti. Eu não assisto o JA. Eu participava do JA! Eu fazia minha participação no JA depois daquilo eu sai. Eu não assisto o JA. Eu assisto a emissora em que trabalho.

Zero — Era um esquema montado, a rivalidade?

ML — Não, não era montado. Não tinha nada montado aqui. Nem a direção da RBS pediu para mim fazer gênero Avaí, como também não pediram para fazer gênero Figueirense.

Zero — Era torcida pura então?

ML — Não, não é torcida pura. E que eu simplesmente entrei numa de chegar lá e, como avaiano que sou... agora, sou Avaí fora do microfone, fora das câmaras. Lá dentro não tem esse negócio.

Te cuida malandro: A "Le Cocq" chegou em Florianópolis!!

Nesta página apresentamos a "Scuderie Detetive Le Cocq", uma associação filantrópica e paradoxalmente com poderes de prender civis e punir policiais. Todo mundo respeita. O próprio Governo do Estado tratou de imobilizar sua sede. Aqui os reporteres Angelo Lima Medeiros e João dos Passos Martins Neto mostram como é a organização. Pra começo de conversa, seu emblema: a caveira, as duas tibias cruzadas e a abreviatura dubia e ameaçadora. E.M.

HOJE eles estão em Florianópolis — mas tudo começou numa manhã de agosto de 1965, perto da favela do Esqueleto, Rio de Janeiro. Uma equipe de quatro policiais, metida dentro de um Fusca, caçava o assaltante Cara de Cavalão. Na direção, um moreno lustroso. Ao seu lado um sujeito sério, na cabeça uma boina preta e o compromisso de ir depor à tarde na Justiça sobre algum assassinato de rotina. Atrás iam dois policiais de competência duvidosa — isso ficaria comprovado mais tarde, durante o tiroteio e a morte.

Eles seguiam um táxi Chevrolet e lá pelas tantas optaram pela cena clássica: fechar o carro onde estava o assaltante. O homem da boina desceu rápido e atirando. Foi sozinho, mostrou valentia, mas nenhuma eficiência. Cara de Cavalão quando viu o policial soube logo com quem estava lidando. Descarregou seu 45 contra o Fusca e principalmente contra aquela figura. Não deu outra: conseguiu que uma bala lhe partisse o pulso e pegasse a carótida. Aquele policial morto era Milton Le Cocq de Oliveira.

A resposta da polícia carioca foi fulminante: executava qualquer marginal que encontrasse pela frente. Cara de Cavalão, por exemplo, morreu com mais de 100 tiros para orgulho policial e desmoralização da Justiça. Os mortos eram abandonados nos morros, junto com cartazes que se tornariam famosos no mundo inteiro: a caveira, as duas tibias cruzadas e o recado E.M. (Esquadrão da Morte). Exatamente o mesmo emblema que hoje está pendurado ali na Rua Santos Saraiva, no Estreito, e é símbolo da instituição que afirma que mudou de ramo. Fala o filho do presidente regional da "Scuderie Detetive Le Cocq", João Luís Eiras:

— Nós somos uma entidade com fins filantrópicos e sem objetivo de lucro. Aqui estão associadas cerca de 70 pessoas, na maioria policiais civis e militares. Possuímos duas carteirinhas: uma da própria Scuderie e outra assinada pelo comandante da Polícia Militar. Todos os sócios são fiscais da própria Polícia e podem autuar veículos irregulares no trânsito e também ordenar um policial a dar voz de prisão a qualquer pessoa.

100 TIROS

O presidente nacional desta organização filantrópica e paramilitar é o delegado carioca José Guilherme Godinho Ferreira. Este policial fazia parte da equipe de Le Cocq e foi o homem que chefiou a caça ao assaltante Cara de Cavalão. Ele contou como isso aconteceu: "Nós quebramos o pau no Rio de Janeiro. Matamos os marginais que resistiram e prendemos os que esconderam



Cara de Cavalão... Pegamos o bandido com uma rajada de metralhadora. Então todo mundo atirou no bandido. Mais de 100 tiros".

Esta prática fez escola e se espalhou pelo Brasil. Em todos esses anos de repressão foi a organização que mais matou no país com habitual convívio — e na maioria dos casos participação — das autoridades policiais. A matança chegou ao ponto que, na metade da década de 70, o jurista Hélio Bicudo fez uma campanha internacional para forçar as autoridades brasileiras a tomar alguma atitude. Somente a ameaça de democratizar o país conseguiu fazer com que a atuação desse grupo diminuísse.

Mas se você deseja ser sócio da "Le Cocq" e ganhar todos esses poderes filantrópicos, é só ir na sede da Scuderie e pedir a fichinha. É um jogo de paciência: vai ter que contar tudo. E mais: arrumar duas pessoas já filiadas, para que o apresentem aos quadros. Depois a ficha será enviada à Polícia e ela dirá se você tem ou não condições de participar de uma organização de caridade.

AMIN APOÍIA

O presidente estadual da organização é o policial José Luís de Oliveira Eiras, que também já foi integrante do extinto Esquadrão Jason, formado exclusivamente por militares e conhecido pela forma violenta como combateu a criminalidade. Mas caso seu nome seja aprovado pela polícia para entrar na organização de José Eiras, prepare-se para outra surpresa: ali todo mundo se chama de irmão e seu carro também deverá receber ficha, cadastro — toda a papelada. João Luiz conta mais:

— Nossa atividade de fiscalização e auxílio à Polícia Militar é muito ativa. Trabalhamos muito com a P-2, que é a polícia secreta da Polícia Militar. Cooperamos com o SNI. Podemos também prestar auxílio à Interpol, à CIA e outras organizações internacionais.

Exageros à parte, a verdade é que esta organização filantrópica é muito bem relacionada. Conseguiu, por exemplo, que o governador Esperidião Amin mobilizasse a sede regional — conta o próprio João Luiz. Também é possível encontrar o sinistro símbolo da caveira e dos ossos cruzados ao lado do logotipo da atual administração estadual em inúmeros plásticos adesivos. E o governo Amin comprando a Carta dos Catarinenses e ajudando uma organização que afirma ter mudado de ramo.

Neste ano se comemora o vigésimo aniversário da morte do detetive Le Cocq. O vigésimo aniversário de fundação da "Scuderie Detetive Le Cocq". O vigésimo aniversário de uma prática que se transformou numa chacina nacional. Desta festa não participam os mortos do Rio Guandu, na Baixada Fluminense; os enterrados no cemitério de Vila Formosa, São Paulo; os assassinados na Grande Porto Alegre; em Belo Horizonte — em todo o Brasil. E de uma maneira muito particular não fará parte das comemorações o jornalista Mário Eugênio, assassinado a tiros por policiais de Brasília por ter denunciado a existência de um Esquadrão da Morte.

E.M. executa Mário Eugênio em Brasília

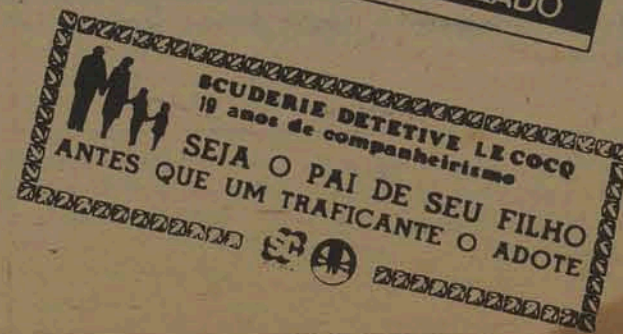
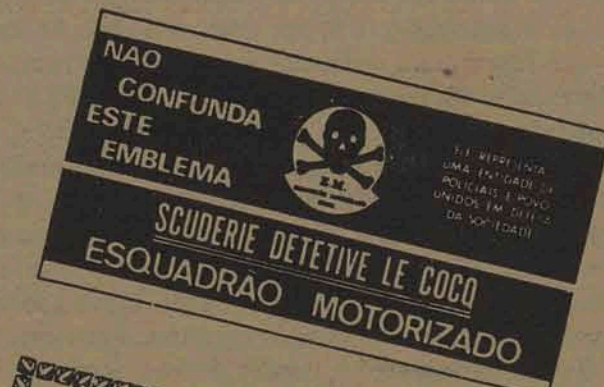
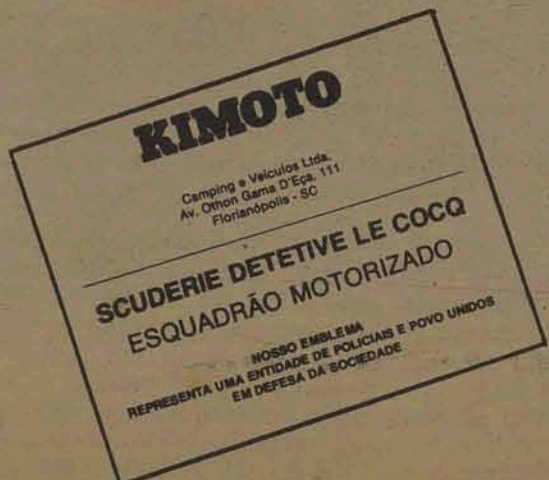
Os sete tiros na cabeça do jornalista Mário Eugênio, no dia 11 de novembro do ano passado, em Brasília, foi orgulho de todas as organizações paramilitares do país. O editor de polícia do Correio Braziliense vinha anunciando a divulgação de uma lista com nomes de policiais civis e militares que faziam parte do Esquadrão da Morte. Naquela noite, o sargento Antônio Nazareno Mortari Vieira, os cabos Aurelino Silvino de Oliveira e David Antônio Couto - todos do Pelotão de Investigações Criminais (PIC) da Polícia do Exército -, mais os agentes da Polícia Civil Divino José de Matos (o Divino 45), Iracildo José de Oliveira, e Moacir de Loyola Assunção, esperaram o jornalista e o as-

sassinaram com um tiro de espingarda 12 e mais seis de Magnum 45, na saída da Rádio Planalto.

O crime foi acobertado durante meses pelos policiais de Brasília. E o caso foi tomando uma dimensão bem maior. O Correio Braziliense contratou o repórter Otávio Ribeiro para fazer uma investigação. Em poucas semanas, o jornalista saía da capital federal com a certeza que a ordem de assassinar Mário Eugênio partiu de gabinetes, de chefias, e as responsabilidades eram de autoridades superiores a Divino 45 - o homem que fez os disparos.

O desdem com que o próprio Secretá-

rio de Segurança na época, coronel Lauro Reith - também envolvido na morte do sargento Raimundo no "Caso Mãos Amarradas" há quase 20 anos no Rio Grande do Sul, tratou o caso fez com que as autoridades designassem alguns policiais paulistas para investigar. Foi fácil: em pouco tempo os nomes desses policiais, alguns presos outros ainda foragidos, foram divulgados para a imprensa. Mas a morte do jornalista Mário Eugênio é um exemplo, um aviso, de que os tempos não mudaram. E o pior, não mudarão tão cedo. Afinal, as "desovas" — como chamam o abandono dos cadáveres do Esquadrão da Morte — somente diminuiram. Não acabaram.





TODOS constataram: a Festa da Tainha deste ano foi um fiasco. Alguns jogaram a culpa no peixe, outros falaram da falta de criatividade. A verdade é que a festa da comunidade da Barra da Lagoa, não existe já faz muito tempo. Todos os anos o que acontece ali é uma feira-livre. Uma negociata, onde quem menos participa é o pescador, o morador da Barra. Para entender porque a festa está morrendo é necessário dizer muitas coisas. Falar das incríveis aventuras do dinheiro arrecadado em dez anos, mas que nunca saiu do bolso de seu Armando. Falar da insólita proposta de construir uma ponte até o cemitério para facilitar as coisas em épocas de enterro. Contar coisas que os pescadores falam mas que não são ouvidas: "Esta festa é uma trampolinagem".

Por que você diz isso Dilmo Nunes? "Porque as três primeiras festas deram um lucro imenso e teve a participação da comunidade. Mas o dinheiro ninguém viu. Depois disso a comunidade se afastou. Assim como todo o dinheiro vem de fora, acaba voltando para fora. Aqui não fica nada. O pescador, hoje, participa como eu. Quer dizer, nem aparece na festa". Dilmo tenta resumir tudo numa frase: "Acho que daria um livro de 200 páginas se fosse dizer tudo que dá nesta festa".

A Festa da Tainha surgiu doze anos atrás. Os moradores tentavam arrumar dinheiro para construir uma Igreja. O Vaticano acabou adiantando-se aos



Afinal, cadê o dinheiro das festas da tainha? (na Barra ninguém sabe)

moradores e a Igreja veio. Em todo caso, os moradores haviam descoberto uma fonte de renda, mantiveram a festa e mudaram o objetivo: queriam erguer uma sede oficial para o Centro Comunitário. Escolheram como organizador oficial seu Armando. Não sabiam, é claro, que muita incomodação viria pela frente.

Seu Armando organizou por nove anos para a inveja de seus rivais e desespero dos moradores. Conseguiu arrecadar 21 milhões de cruzeiros. E aí as coisas se complicaram: há alguns anos o homem resolveu dar o primeiro susto no pessoal da Barra. Disse que tinha visto a história dos flagelados do Nordeste e resolveu mandar o dinheiro

para eles. Todo mundo berrou e o dinheiro acabou aparecendo. No final do ano passado seu Armando aprontou outra: disse que o dinheiro estava no Sulbrasileiro. Mais confusão. O dinheiro reapareceu, mas desta vez sem alguns meses de juro. Agora já há gente que afirma que o capital está com mais de seis meses sem correção.

— Eu fiz muito pela comunidade, mas eles não reconhecem. Esse pessoal é sempre assim. Isso acontece com governadores, com prefeitos, com políticos em geral. Essa gente não reconhece o nosso trabalho, e só faz acusações. É a história do dinheiro é bobagem: tinha lucro, mas e as despesas?

Mas seu Armando, então foi por isso

que o senhor perdeu essas últimas eleições?

— Não, não foi por isso. Nestas últimas eleições eu participei só para participar, já estou cansado. Mas que houve fraude na eleição isso houve. Os que venceram, o José Laurino de Souza e o Gilson não moram nem nas proximidades da praia. Moram na Fortaleza.

A organização da Festa da Tainha é assim, cheia de fofoca, de disputa interna, de manobras, coisas de gente que visam outros interesses que não são exatamente os tidos como comunitários. Por isso os pescadores dizem que participar dos preparativos da festa é mais ou menos como "entrar no fim do mundo: a pessoa entra e nunca mais encontra a saída".

Tirando um pouco os exageros apocalípticos de Dilmo Nunes, as coisas não estão muito longe do absurdo: tempos atrás os moradores foram convocados para uma reunião. Pouquíssimos foram. Em todo caso o encontro era para discutir a construção do tal Centro Comunitário. Discussão daqui, discussão dali e acabou sendo votada uma proposta de construir uma ponte que levasse até ao cemitério.

Em todo caso, a nova diretoria que assumiu garantiu que tudo será diferente. "Mas vejam bem — fala seu Gilson o novo organizador — nós estamos assumindo uma diretoria com o caixa em zero. O dinheiro que o Armando tem ninguém consegue tirar dele. Já foi pedida até a intervenção da Secretaria de Turismo, mas eles acharam melhor não se meter nesta história." Mas e a Festa da Tainha como é que vai ser?

— Vai ser um sucesso. Claro o público notou que a festa estava lugindo de seu caminho real e foi se retirando. Mas esse ano você vai ver, tudo vai mudar...

Não foi isso que se viu. A Festa da Tainha foi outro fracasso. Ninguém foi e até o peixe servido veio do Rio Grande do Sul.

Pátria agradecida, paga mal seus heróis

Numa salinha com oito cadeiras, nos fundos de uma garagem da Rua Tenente Silveira, estão escondidos e acudados os heróis brasileiros. Ali naquele beco, eles contam suas histórias de guerra e amargam o abandono do Estado e o esquecimento do Povo. Por ali passa Dídeo Pereira, o voluntário José Ramos, Alcibino Augustinho e tantos outros que há 40 anos foram recebidos com festa no Rio de Janeiro. Eram os pracinhas, que chegavam da Itália depois de vingarem adequadamente "a nossa honra e a nossa soberania ultrajadas".

No começo foi uma festa. Os que ficaram no Exército gozavam de uma liberalidade não muito comum na tropa. Os que saíram se sentiam perseguidos porque eram olhados como privilegiados. Mas havia muito boatos e todos esperavam a remuneração. Falava-se, por exemplo, de um dinheiro dado pelos Estados Unidos para ser entregue aos combatentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB). O di-

Agora em setembro são comemorados os 40 anos de regresso dos pracinhas brasileiros que foram lutar na Itália. Ao todo, 25 mil homens que foram para enfrentar o fascismo, o nazismo e tudo que representavam. De regresso, outra luta: quase 40 anos para receber uma pensão alimentar, um reconhecimento oficial e concreto da Pátria — além das tradicionais medalhas e os inúteis diplomas. E assim o decreto assinado por Getúlio Vargas — que favorecia os pracinhas com um salário mensal, acabou saindo no governo Figueiredo em 1981. Mas pior que o esquecimento foi a falta de valorização. Quanto custa um herói? Um herói, fique sabendo, custa um pouquinho mais que três salários mínimos. Aqui uma reportagem de Leani Budde para recordar nossos pobres heróis de uma Pátria de mártires.

nheiro nunca apareceu e ninguém também nunca ficou sabendo se a história era verdadeira. A situação ainda estava assim, se vivia do heroísmo, quando Getúlio Vargas assinou um

decreto-lei autorizando o pagamento de uma pensão alimentar.

Bem, depois disso a história pessoal dos combatentes brasileiros na 2ª Guerra Mundial iria virar um inferno.

Somente em 1981 foi fixada uma pensão para os combatentes, que vale hoje um milhão de cruzeiros por mês. Mas durante esses 40 anos muita coisa aconteceu. As neuroses de guerra se confundiram com as dificuldades cotidianas e a situação chegou ao ponto vergonhoso de combatente morrer louco e indigente nos hospitais psiquiátricos em todo Brasil.

As histórias que se ouve ali naquele quartinho da Tenente Silveira são arrepiantes. O embarque no navio, no Rio de Janeiro, foi sob uma temperatura de 40°C. Ambulâncias pegavam soldados que desmaiavam por insolação. No desembarque na Itália a temperatura estava a quinze graus abaixo de zero. Muita gente foi internada por gangrena, outros morreram congelados. Daí para a frente foi guerra o tempo todo. A tomada de Monte Castello, vitórias como a de Monte Prano, Monte Acuto, Paravento, Barga e muitas outras fizeram cerca de quatro mil baixas entre as fileiras brasileiras.

A repressão quer ser esquecida

Cirineu estava trabalhando quando foi chamado por alguém. Foi alçado, jogado dentro de um Fusca e levado para o interrogatório: Perguntaram da sua ligação com o PCB. Num camburão, junto com outros, foi levado para a fase seguinte em Curitiba: dez dias de tortura. Dos que trabalhavam no Departamento Central de Informações nesta época, Mário está no 2.º Distrito e Dobes no 3.º DP. Adalgiso está na Celesc. Vilela, Palma, Cruz, a médica Edith, Jucélio e Francisco Antônio continuam também na polícia da capital, e puderam assistir à queima do arquivo do DCI e de suas anotações do período. O delegado Armando Maciel destrói o fichário pessoalmente. Ele é o atual diretor do Departamento, e homem do tempo da "Operação Barriga Verde", em que Cirineu foi preso.



O Dops em seu auge, na Felipe Schmidt: A repressão queria ser lembrada por todos

Onde estão os perseguidores (nos tempos da N. República)

Havia os "técnicos", os truculentos e os mais políticos, nesta polícia que organizava a repressão política nas décadas de 60 e 70. Os que pensavam em se promover fácil na repressão tiveram seus momentos de glória, mas acabaram queimados ou colocados em cargos discretos com a abertura política. Os técnicos continuam prestigiados, e os políticos — que conseguiram participar da repressão sem queimar seus nomes, agora são colocados na vitrine.

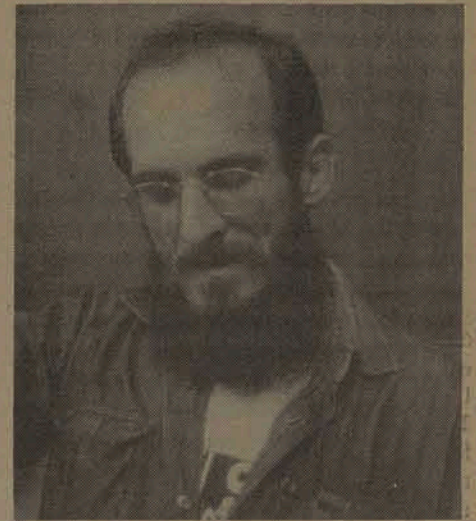
Dos que se destacaram na época da repressão, o delegado Alfredo Dobes é um dos mais prejudicados atualmente. Todo-poderoso diretor do Departamento de Ordem Política e Social na época da Operação Barriga Verde, hoje amarga uma posição hierárquica secundária no Terceiro Distrito da Capital. Seu antecessor na direção do Dops, Manuel Antônio Fogaça de Almeida, é nada menos que secretário-adjunto da Secretaria de Segurança no governo Amin.

O delegado Luiz Magno Bahia Bitencourt é o atual titular do II Distrito Policial, no Saco dos Limões. Na época subordinado à Dobes, o ultrapassou na carreira por não ter se exposto e graças a seu prestígio como técnico. Melhor do que ele talvez só se encontre o delegado Armando Ramos Maciel. Hábil, capaz de cultivar uma imagem simpática até mesmo junto aos presos políticos da época, Armando Maciel é o diretor do DCI na Nova República, o que

não é pouco: O Departamento Central de Informações é um posto estratégico para um homem de confiança do esquema de repressão política. Lá se encontravam arquivos que se tornaram comprometedores e, ao mesmo tempo, é lá que continua-se a obter informações sobre todo o estado.

Armando Maciel não é um policial de dar tiro: é um homem de informações. Recentemente, deu uma entrevista à imprensa defendendo a criação de uma central de computadores, a nível nacional, com todas as informações sobre os cidadãos do país. Com isso, seria possível à polícia controlar todo o Brasil. Ele sabe que valor tem isso: o delegado Armando é policial desde 1962, dois anos antes do golpe.

Os tempos são outros: o general Guido Alfredo Heisler, que comandava o 63 BI no tempo da repressão, hoje comanda o fluxo de correspondência da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos em Florianópolis. Da polícia estadual, Adalgiso Campos acabou na Celesc. Mas Carlos Alberto Vilela, Elton Parma, Otávio Cruz, a médica Edith Moreno Braz, Jucélio Costa e Francisco Antônio Amorim continuam na polícia da capital. A maior parte não se sente mais tão poderosa, mas vive e trabalha tranquila. Com a queima dos últimos arquivos, não há motivo para não ficar tranquilo.



Eglé e Cirineu não esquecem de um tempo que parecia o nazismo

Onde estão os perseguidos (eles contam a sua versão)

"Subestimamos muito o poder da repressão naquela época", conta Cirineu Martins Cardoso, hoje assessor do PMDB na Assembleia. "E continuamos a subestimar", adverte. Cirineu foi um dos milhares de perseguidos pelo aparato fantástico da repressão política que controlava o país até há pouco tempo e permaneceu intocado na Nova República.

Espionado, preso, torturado numa prisão clandestina sem que isso deixasse vestígios no processo oficial em que foi condenado por ser comunista, ele tem razão para se preocupar. Os perseguidores de apenas dez anos atrás continuam por aí, alguns ainda em seus postos, todos livres para assumirem seus papéis seja nos grupos clandestinos, terroristas, seja nos respeitáveis grupos de senhoras que queriam ficar com os filhos dos comunistas que denunciavam para a polícia.

"E queriam que eu me comovesse ainda com sua generosidade", comenta Eglé Malheiros, professora cassada, que recebeu a proposta de entregar seus quatro filhos ao ser presa em 64. O marido de Eglé, Salim Miguel, também esteve preso, e uma livraria de que havia sido sócio foi incendiada por um grupo chefiado por Nereu do Vale Pereira, professor de História na UFSC. "Que horror, parece o nazismo", comentou o padre que dirigia o Colégio Catarinense, ao ver os livros serem queimados na calçada.

Hoje, o que a polícia queima são os registros destes fatos. Mas a perseguição atingiu muita gente, e não será facilmente esquecida. "Quem foi preso? — surpreende-se Flávio Fernandes, na época dirigente estudantil — "Meus vizinhos, pais dos meus colegas, pessoas de convívio direto. Cidadãos." Flávio não conheceu as prisões. Na época, teve uma experiência bem comum entre os estudantes, a experiência do medo: "Na Universidade apareciam carros com placas de cidades distantes, em nossas reuniões apareciam pessoas

estranhas, enquanto amigos, professores e conhecidos desapareciam".

A UFSC, que reunia a intelectualidade de Florianópolis, era um dos alvos preferidos dos serviços de informação e repressão. Na chefia do Departamento de Letras encontrava-se a professora Carolina Gallotti Kehrig, presidente da "Campanha da Mulher pela Democracia", que até hoje não se constrange com seus depoimentos em inquéritos para incriminar colegas e alunos: "Eu só falava a verdade — argumenta — a função da CAMDE era de alertar as pessoas para os horrores do comunismo".

Em consequência destes inquéritos — cujo resultado Carolina diz desconhecer — vários professores foram afastados da Universidade, como Gerônimo Machado, e Célio Spíndola, do Curso de Economia a Wilson Rosalino da Silveira e Marcos Cardoso Filho, da Engenharia.

As informações dos órgãos de segurança também serviram de justificativa ao reitor João David Ferreira Lima para intervir na eleição do DCE de 1969, tornando uma chapa inelegível e anulando todos os votos dados a ela. Com isso, foi eleita a chapa adversária, presidida pelo estudante Rodolfo Pinto da Luz.



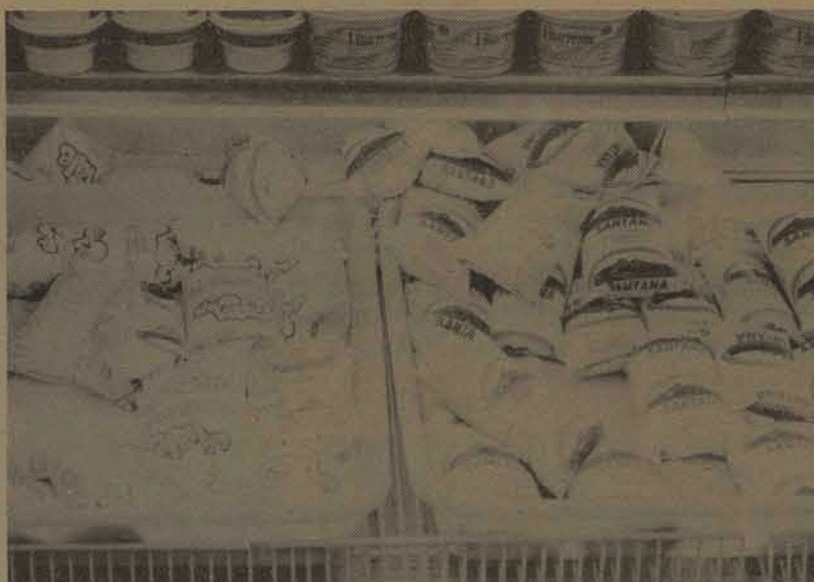
Carolina se orgulha de ter dedurado



Cocô, larvas: um tempero comum

NO carnaval de 1983 um samba irreverente e debochado foi cantado por centenas de pessoas em Florianópolis: um jovem que comera patê em tripa de plástico havia morrido. O patê era da Sadia. Embora nunca se tivesse descoberto a causa da morte nem o culpado (o caso levou os frigoríficos a suspender os entripados em plásticos por dois anos), na época a polêmica ganhou os jornais de todo o País. E o samba ganhou as ruas.

Mas a Sadia está mesmo de azar. No primeiro semestre deste ano, foi encontrada a bactéria coliforme fecal em seus frangos postos a venda no Supermercado Angeloni, em Concórdia. A Sadia se defendeu e a culpa ficou com o Angeloni. Mas não havia dúvidas: os frangos vinham temperados com bactéria de cocô. Assim como dezenas de outros produtos vêm enriquecidos com restos de insetos, parasitas, areia, bichinhos variados que consumimos o dia inteiro. Quando fazíamos esta matéria, a Rede Globo de Televisão denunciava, pelo Jornal Nacional da terça-feira à noite, dia 30, a assustadora descoberta: 50% do queijo frescal vendido no Rio de Janeiro e proveniente de Minas Gerais continham a mesma bactéria. Aqui, um "grande jornal" recusou-se a publicar a matéria que nós agora estamos divulgando. E a Associação das Donas de Casa, presidida por Zuleica Lenzi, não consegue espaço para uma coluna que defenda o consumidor. Que, aliás — e ainda segundo a Rede Globo, no Bom Dia Brasil — poderá em breve brigar diretamente com os fabricantes. Bastará que entre com uma queixa junto às associações de consumidores para mover o processo pelo qual não pagará nada — mesmo que perca.



Leite Tirol, Santa e Vale do Itajaí: todos com coliforme fecal

*Quem diz que o patê não presta
Só porque alguém morreu
O produto é muito bom
Quem não presta é quem comeu.*

200 mil kg de alimentos no lixo

Quem consumiu aqueles frangos comprados no Angeloni, no início do ano, pode ter contraído febre tifóide. Ou, qualquer outra doença manifestada pela diarreia — uma das principais causas da mortalidade infantil. Isso porque a bactéria coliforme fecal, encontrada no intestino humano e animal, costuma trazer riscos graves: indica a presença de agentes patogênicos (que causam doenças).

A revelação foi feita pelo DSP - Departamento de Saúde Pública - em Florianópolis, depois que Zero recebeu uma denúncia grave: um jornal negara-se a mexer no assunto, de inegável importância social. Nosso repórter estiveram no DSP de onde tiraram — não sem nervosismo dos funcionários do Departamento — mais infor-

mações. Uma delas, a de que os Supermercados Angeloni são reincidentes, exatamente em casos.

Mas tem mais: as Empresas de Doces Silva (Joinville); S.A. de aves. Moinhos Cruzeiro Indústria e Comércio (Farinha Caturrita, Lages); Agro-Indústria São Francisco (Farinha de Mandioca Raminha, Itoporanga); S.A. Moinhos Santiista (Farinha de Trigo Flor, Porto Alegre); Sal Refinado e Iodado Erna (Brusque); Doces Lubi (Lages); Montobel S/A (Doces Mu-Mu, Porto Alegre) também já são velhos conhecidos do DSP. Os problemas? Restos de insetos, parasitas, coliforme fecal, areia. Nos casos dos supermercados, fazemos justiça: também são reincidentes as redes Pão de Açúcar, Morita e Soberana.

De dezembro do ano passado até maio deste ano, o DSP analisou 1.410 laudos. Destes, 460 foram condenatórios. Um deles está na delegacia de polícia de Biguaçu, por encaminhamento do Decom - Serviço Especial de Dresa Comunitária. E o Café Nunes, de Biguaçu.

Segundo o relatório em mãos da polícia, o Café

Nunes analisado possui quase um terço de "pó de milho" e fubá, mesclados com outras impurezas: 29%. O curioso, nestes casos, é que enquanto a polícia não terminar o inquérito e conversar com os fabricantes, não se pode fazer nada. Isto é: a população continuará sorvendo já de manhã cedo uma ponderável parcela de impurezas.

Mas o gordo número de laudos examinados e casos condenatórios poderia aumentar consideravelmente se o DSP tivesse mais recursos humanos. Não são mais do que 13 inspetores de fiscalização, 45 agentes de saúde pública e 36 agentes sanitários para cuidar de aproximadamente 8.000 estabelecimentos industriais e comerciais. Só grandes supermercados existem 800, conforme informação da Associação Catarinense de Supermercados. Mesmo assim, o DSP catarinense esteve em 1.º lugar, no ano passado, em amostras analisadas — à frente, inclusive, do Instituto Adollo Lutz, Orlando Ribeiro de Campos Filho, Chele do Serviço de Fiscalização de Alimentos, conta que há três anos 80% das coletas eram feitas em Florianópolis. "Mas desconfiamos que o "ruim" era mandado para o interior — disse ele — e passamos a atuar mais por lá também".

Mas não é só sobre impurezas que atua a fiscalização. O Agromel examinado, por exemplo, só tinha mel no nome. Dentro, xarope. Isso é fraude. O querosene Alsol, do Paraná, também não vem deteriorado. Mas, no material examinado, vinha com 36,97% do que prometia a embalagem. O mesmo aconteceu com o querosene Chaminha, de Blumenau, que — mais modesto — surrupiou apenas 18,46% do que prometia. Quem dá estas informações é o INMETRO - Instituto Nacional de Pesos e Medidas.

A lista, como vocês podem ver ao lado, é enorme. Segundo Zuleica Lenzi, o DSP, não tem interesse em divulgar os laudos. Segundo Orlando Ribeiro, do DSP, a imprensa é que não se interessa. Muito bem. Zero vai resolver esta pendenga: todos os meses divulgaremos aqui os relatórios condenatórios do DSP. Com os nomes, as marcas, as fraudes. Para o bem de todos, certo? Mesmo porque, só no ano passado foram inutilizados 200 mil quilos de alimentos. Este ano, 22 mil quilos até fim de maio. Como dizem os comentaristas esportivos: é brincadeira?

Os condenados pelos laudos

RELAÇÃO DOS LAUDOS DE ANÁLISES FISCAIS CONDENATÓRIOS

- Café torrado e moído Guidall
- Farinha de trigo especial Flor
- Fubá de milho degerminado Caturrita
- Farinha de mandioca Daminha
- Farinha de trigo degerminada Imperatriz
- Farinha de trigo especial FF
- Geléia de goiaba Stein
- Xarope de Glucose e Sacarose Agromel
- Passas de banana Monkey
- Biscoitos especiais Padaria Rocha
- Pão de mel Padaria e Confeitaria
- Pelicitos Schadrach
- Geléia de figo Mu-Mu
- Doce em pasta de goiaba Lorenz Blumenau
- Farinha de milho extra peneirada Mãe Luzia
- Sal para churrasco especial Dipasal
- Fubá especial cilindrado degerminado
- Farinha especial Vale do Teste
- Farinha de mandioca Zuque
- Talharim Juell
- Farinha de milho especial Be Luno
- Água mineral com gás Imperatriz
- Cominho moído a granel Dupar
- Cominho moído Tell
- Farinha de milho especial Andréa
- Farinha de mandioca Glassi
- Sagu instantâneo sabor artificial de pêssego Tell
- Cominho moído Edimar
- Doce cremoso de goiaba Lubi

Veja só quanta sujeira você pode ter comido

ANGELONI

Frango - Coleta: Concórdia - Problema: está em desacordo por conter bactérias do grupo coliforme fecal e contagem padrão em placa acima do permitido.

HILDO PANATTO E CIA.

Farinha de milho - Coleta: direto - Problema: está em desacordo por conter restos de insetos e por esta com acidez e resíduo mineral fino acima do permitido.

MONKEY

Passas de bananas - Coleta: Supermercado Riachuelo, em Joinville - Problema: está em desacordo por conter parasitas e larvas.

PADARIA ROCHA

Biscoitos especiais: Coleta: direto - Problema: está em desacordo por conter restos de insetos.

MAVALEIRO

Pimenta - Coleta: Corsten Com. Ltda. - Problema: está em desacordo por conter grãos de areia.

TIROL

Leite pasteurizado - Coleta: Pães Kibeleza Ltda, Joinville - Problema: contaminação por coliforme total e fecal.

Leite pasteurizado - Coleta: Pães Kibeleza Ltda, Joinville - Problema: contaminação por coliforme total e fecal.

SANTANA

Leite Pasteurizado - Coleta: Supermercado Rex Ltda., Joinville - Problema: contaminação por coliforme total e fecal.

BEDUSCHI

Café torrado - Coleta: Supermercado Comper, Blumenau - Problema: está em desacordo por conter impurezas acima do permitido e presença de milho.

MUMU

Geléia de figo - Coleta: Supermercado Lima, Chapecó - Problema: está em desacordo por conter restos de insetos.

MOINHO BLUMENAU LTDA

Fubá especial cilindrado e degerminado - Coleta: Supermercado Artex SA - Problema: está em desacordo por conter restos de insetos.

BELUNO

Farinha de milho especial - Coleta: Mercado Rosa, Siderópolis - Problema: está em desacordo por conter restos de insetos, parasitas e larvas; e por não ter n.º de registro.

COLOMBO

Creme de arroz - Coleta: Supermercado Vitória, Florianópolis - Problema: Está em desacordo por conter larvas e por estar com acidez acima do permitido.

KIENEN

Refrigerante artificial de framboeza - Coleta: Supermercado Angeloni, Florianópolis - Problema: Está em desacordo por conter bolores e leveduras.

NUNES

Café - Coleta: Capal Alimentos Ltda, São José - Problema: Está em desacordo por conter impurezas acima do permitido e por conter milho.

LIRA

Farinha de mandioca - Coleta: Supermercado Alvorada, Lages - Problema: Falta de registro e contém restos de insetos.

DULAR

Pólvilho - Coleta: Supermercado Capistran, Urubici - Problema: está sem n.º de registro e contém restos de insetos.

GIASSA

Farinha de mandioca - Coleta: Supermercado Giassi, Araranguá - Problema: Está sem n.º de registro e contém restos de insetos.